

III - A INEXISTÊNCIA DA MORTE

Karran sentou-se novamente, recolocando o capacete e a pulseira, e continuou a conversar com o meu companheiro. Pouco depois, ele voltou sua atenção para mim e tivemos a seguinte conversa:

Bianca – No seu mundo existe pecado e morte?

Karran – Não existe o pecado e nem a morte. Existe, sim, a perda da matéria.

B – Karran, perda da matéria e aquele negócio que o corpo deixa de funcionar e a gente fica frio e durinho e põem dentro do caixão e depois enterra?

K – Sim!

B – Ah! Então morre!

K – Na minha terra isto não quer dizer morte, porque nós continuamos a viver sem a matéria, em espírito. Quando recebemos nova matéria, sabemos perfeitamente quem somos e o que aprendemos. Nós não iniciamos, como vocês, a vida novamente, nós continuamos a viver do ponto em que paramos quando perdemos a matéria. Esta é uma das razões pelas quais o conhecimento do meu mundo não se perde com o passar dos tempos.

B – E como eu faço para deixar de morrer, e saber que sou como você diz um espírito?

K – Saia da sua matéria e veja que você é a mente que pode ver, que pode ouvir, que pode sentir, aprender, raciocinar. Então poderá entender que a matéria é somente uma parte sua e não totalmente você. Sua existência é eterna, não morre.

B – Karran, eu não vou saber isto nunca porque, para saber, a gente tem que morrer. Você não me disse que, se a gente abandona a matéria, ela fica sem vida?



K – Abandono significa a morte da matéria, mas a saída não é abandono. Para sair da matéria você tem que dominá-la e este domínio se consegue desta maneira: Primeiro você faz um trabalho respiratório. Depois um outro para desenvolver glândulas dentro da sua cabeça. E um outro para ativar áreas do seu cérebro que estão inativas por causa de um acidente que houve no seu sistema solar.

– Como fazer este trabalho respiratório – perguntei-lhe.

Ele então me explicou que eu deveria levantar os braços até a altura dos ombros, inspirando. Continuar nesta posição e virar as palmas das mãos para cima. Inclinar a cabeça para trás. E, ainda com o ar retido, contar mentalmente até 15. Depois desfazer os movimentos. Para trabalhar as glândulas eu deveria usar, como referência, o dedo indicador. Esticar o braço, olhar para a ponta do dedo, e trazê-lo até tocar o centro de minha testa, sem desviar o olhar. Desfazer este movimento devagar. Para o cérebro eu teria que me deitar, fechar os olhos, e sem pensar em nada, construir formas numéricas regressivamente. Eu estava olhando todos os movimentos que ele estava fazendo para demonstrar os exercícios e perguntei quanto tempo eu teria que ficar fazendo este trabalho.

Disse-me que sete vezes cada um dos movimentos estava bom.

Depois desta explicação ele voltou sua atenção para o meu companheiro e eu fiquei tentando abrir a caixinha que estava em minhas mãos. Foi naquele momento que tive mais uma surpresa.

De uma porta que ficava por trás de onde eu estava sentada, saiu uma mulher, também morena, com cabelos negros e compridos, até a altura do busto, trazendo em suas mãos uma bandeja quadrada, com quatro copos. Foi entrando na sala, veio em nossa direção, deu uma parada, olhou-nos e cumprimentou-nos com um gesto de cabeça. Eu e meu companheiro respondemos com o mesmo gesto. A seguir ela foi para junto de Karran e entregou-lhe um dos copos e uma espécie de pão redondo, fazendo a mesma coisa com o outro rapaz. Eles falaram alguma coisa entre si, e, pelos movimentos que a moça fazia com a cabeça, pareceu-me que ela estava respondendo afirmativamente ao que Karran lhe estava dizendo.



A seguir, depois de servi-los, ela caminhou na direção do meu companheiro e entregou-lhe um dos copos e um pão ou algo parecido. Depois, também para mim, deu um copo e um pão. Fiquei momentaneamente indecisa, não sabia se comia ou não, mas, finalmente, todos começaram a comer, e, como eu já havia dito que estava com fome, não tive outra escolha senão comer também.

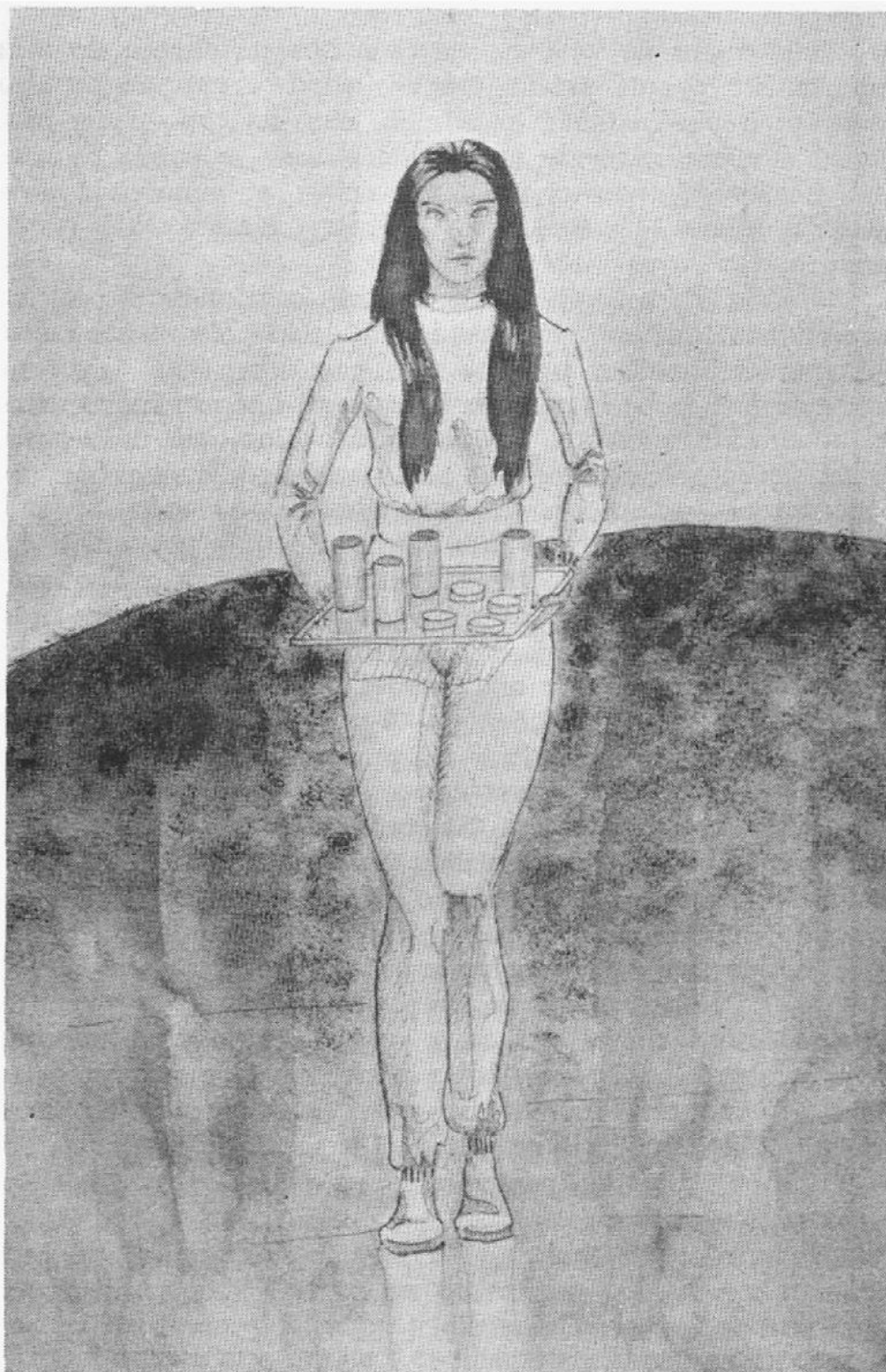
Karran e seu companheiro comiam com muita disposição, parecendo-me que estavam achando uma delícia. Mas eu não estava gostando. O líquido, à primeira vista, parecia ser água, da mesma cor, mas quando o coloquei na boca, senti que não era. O sabor era totalmente diferente, parecia um óleo fino, mas tinha gosto de sal, açúcar, bicarbonato, era ácido e amargo, lembrava-me um pouco o soro, esse que a gente toma oralmente no hospital.

Quanto ao pão, era muito fofo e não tinha gosto de nada. Não preciso dizer quanto tempo demorei para comer. Enquanto eu comia, fui observando também aquela moça. Era uma perfeição de mulher e muito parecida com as demais pessoas que eu já tinha visto ali. Tinha os mesmos olhos verdes, a mesma cor de pele, mas o corpo e o rosto muito femininos. A roupa que ela estava usando também era igual à deles. Parei um pouco olhando seus cabelos e lembrei-me de que eu estava careca, pois tinha raspado minha cabeça na véspera da viagem. Na confusão do nosso seqüestro eu tinha me esquecido deste detalhe. Quando me dei conta, fiquei acanhada. Olhando a pele dela tão limpa e tão suave, lembrei-me que tinha chorado muito e que, provavelmente, meu rosto deveria estar sujo por causa da maquiagem que eu tinha feito antes de sair para viajar. Confesso que fiquei um pouco perturbada.

Mas, logo, minha atenção se voltou para os copos que estávamos usando. Eram compridos e diferentes dos nossos, pois não eram de vidro nem eram transparentes, mas eram de um metal dourado. Também havia neles traços de medidas. A bandeja era prateada, muito bonita, parecia-se com a mesma cor prateada das paredes daquela sala.

Enquanto comíamos, aquela moça permaneceu de pé, conversando com os dois rapazes no seu próprio idioma. Assim que acabamos de comer, ela recolheu todos os copos, colocou-os novamente na bandeja, despediu-se e voltou pelo mesmo lugar de onde antes havia saído.





... Tinha os mesmos olhos verdes, a mesma cor de pele, mas o corpo e o rosto muito femininos ...



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural
Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

Karran voltou a conversar com o meu companheiro, esta conversa não foi muito longa, porque naquele momento, eu comecei a sentir sono. Era um sono diferente, porque eu estava tendo a sensação de que tudo em minha volta estava desaparecendo para logo depois sentir-me bem novamente. Tive medo. Por isso, pedi licença para falar com o meu companheiro dizendo-lhe que eu não estava me sentindo muito bem. Ele, a seguir, perguntou a Karran se estava acontecendo alguma coisa de anormal comigo. E a resposta, que foi dada a mim por Karran, dizia-me que tudo estava bem, pois, caso contrário, a lâmpada maior do meu capacete, como também a do aparelho, preso ao meu pulso, ter-se-iam apagado indicando, que alguma coisa não estava bem. Mas eu nunca tinha sentido um sono tão estranho.

Karran estava novamente prestando atenção ao que meu companheiro lhe dizia e, enquanto conversavam, fiquei esperando uma oportunidade para falar. Eu queria ir ao banheiro e não sabia como perguntar para Karran se eles tinham banheiro para que eu pudesse usar. Porém, logo depois nada disso aconteceu. Voltei a ter as mesmas sensações anteriores e tudo fugiu de mim, não vi mais nada e nem sei quanto tempo se passou. Dormi pesadamente.

Assim que acordei, vi-me deitada naquela poltrona, que agora havia se transformado em uma confortável cama, muito macia, não estava mais usando o capacete e nem a pulseira, como também eu estava sem minhas sandálias. Eu não estava coberta e a vontade de ir ao banheiro, tinha passado.

Olhei para o lugar onde estava o meu companheiro que também parecia ter acordado naquele momento e estava olhando para mim. Na sala, então, estavam três rapazes. Dois deles estavam mexendo em um aparelho grande, o maior daquela sala. Um deles estava próximo a um outro aparelho, que ficava logo abaixo daquele aparelho redondo já mencionado. Era Karran. Ele estava de pé, encostado, e com os braços cruzados olhando para nós.

Fiz-lhes gestos, dizendo que queria levantar-me. Ele, então, veio caminhando em minha direção e ajudou-me a sentar. A cama voltou a ser a mesma poltrona de antes. Abaixando-se, Karran apanhou minhas sandálias que estavam colocadas ao lado de minha poltrona, calçou-as nos meus pés, fazendo a mesma coisa com o meu companheiro. Trouxe novamente os capacetes e pulseiras e colocou-nos tudo novamente como estava antes.

